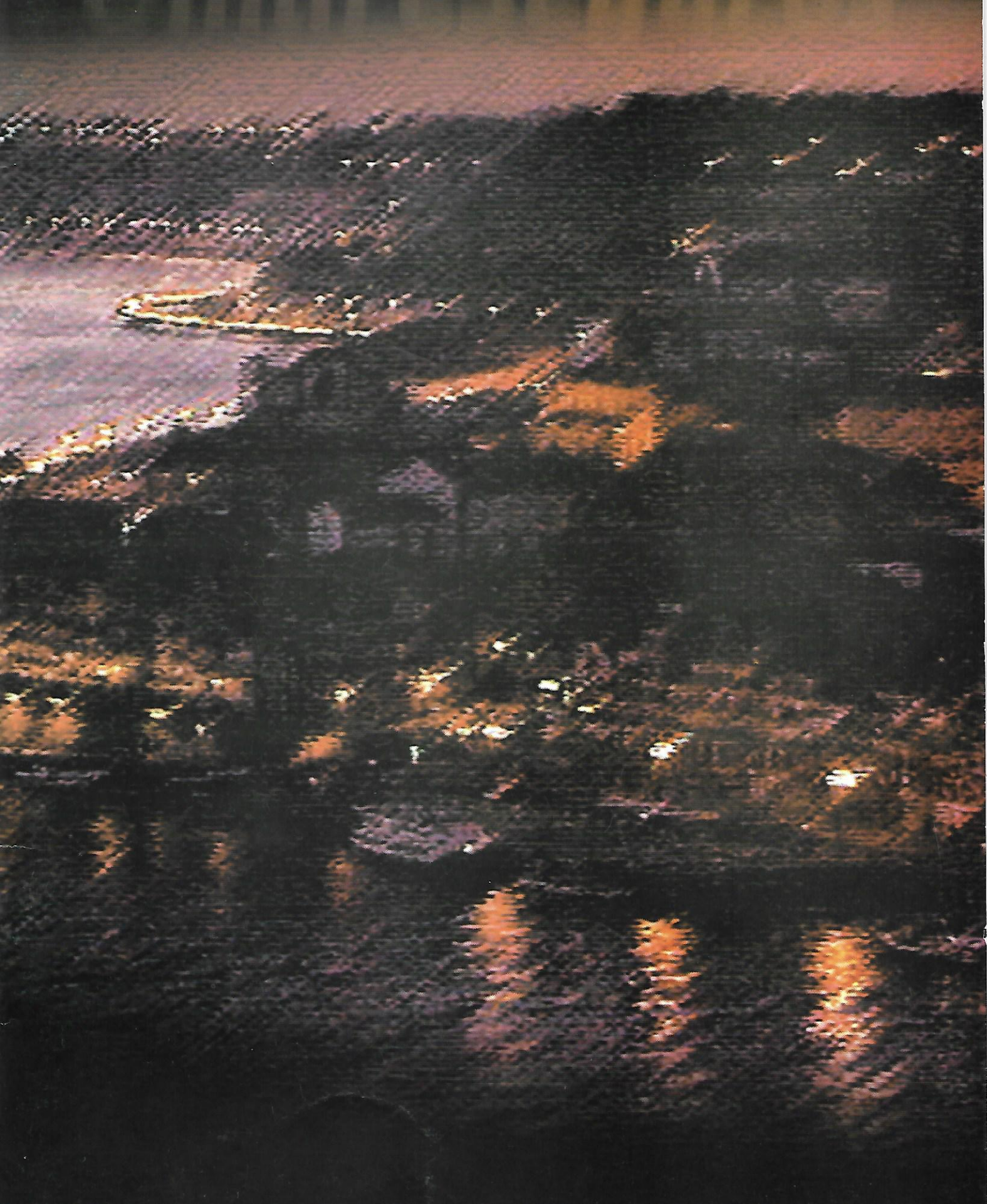


OlhارةSeguros

Ano 3 • Número 2 • Novembro 2001



Marginalidade de Rua e Insegurança Urbana Segundo Philippe Bourgois

Lúis Fernandes

Nos meses de Junho e Julho deste ano estiveram no Porto os profs. Juan Gamella, antropólogo social da Universidade de Granada, e Philippe Bourgois, igualmente antropólogo social da Universidade de Berkeley, S. Francisco - Califórnia, para leccionar no Mestrado de Psicologia do Comportamento Desviante da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

No programa da sua estadia incluíram uma visita ao OPS, a convite deste, durante a qual houve oportunidade de os pôr a par dos estudos já realizados e actualmente em curso e de recolher a sua experiência de especialistas de fenómenos que são nossa preocupação comum. Juan Gamella tem realizado estudos de etnografia da heroína ("La história de Julian", 1990), de utilização da etnografia como estratégia de recolha de dados epidemiológicos ("Estrategias etnográficas en el estudio de poblaciones ocultas: Censo intensivo de los heroinómanos en cuatro barrios de Madrid", 1993), de etnografia do ecstasy ("Las rutas del extásis", 1999) e, ultimamente, dirige uma aprofundada pesquisa sobre o povo cigano na Andaluzia ("Mujeres Gitanas", 2000). Os trabalhos de Juan Gamella sobre as características socio-culturais do fenómeno droga contam-se entre os mais importantes num país que, no contexto europeu, se tem destacado precisamente pela contribuição para uma compreensão socio-cultural do fenómeno droga.

Philippe Bourgois tem dedicado a sua carreira ao estudo de populações e grupos com problemas estruturais de inserção na sociedade dos EUA. Depois de realizar trabalho de campo na Costa Rica regressou aos EUA, onde desenvolveu ao longo de anos investigação etnográfica junto dos porto-riquenhos do Harlém nova-iorquino ("In search of respect - selling crack in El Barrio", 1995). Este trabalho acabaria por lhe valer notoriedade internacional, tanto pela dificuldade metodológica da observação participante em tal contexto como pela forma surpreendente

com que traça o retrato da vida dum bairro problemático. Destaca com uma excepcional profundidade etnográfica o mundo do "crack dealing", com os seus lugares e actores - sempre contextualizados nas trajectórias dos migrantes porto-riquenhos que vieram para Nova-Iorque. Ph. Bourgois é actualmente investigador no Department of Anthropology, History and Social Medicine, onde conduz, entre outras, uma investigação, realizada através de observação participante, com grupos de sem-abrigo dependentes de heroína na cidade de S. Francisco. Os seus trabalhos etnográficos foram distinguidos com o Margaret Mead Award da American Anthropological Association e da Society for Applied Anthropology, ambos em 1997, entre outros. O texto que agora apresentamos resulta da transcrição dum registo efectuado com o investigador aquando da sua visita ao OPS.

Pergunta -- A pesquisa de terreno que desenvolves actualmente em São Francisco centra-se em indivíduos sem-abrigo dependentes de drogas duras. Que elementos destacarias, no teu entender, que se podem relacionar com a questão da insegurança dos cidadãos? Estes junkies de rua constituem um factor de insegurança, influem na percepção do medo do cidadão médio? E encontram-se, efectivamente, na origem de muitos delitos ou não? Como se relaciona a cidade dominante com eles?

Resposta - O pânico moral existente nos EUA acerca das questões das drogas e da insegurança é qualitativamente diferente da junção dessas duas dinâmicas tal como se observa na Europa em geral, e em Portugal em particular. Nos EUA reina um moralismo cripto-puritano e cripto-calvinista que não admite a existência de perdão e atribui aos indivíduos a responsabilidade total pelas suas acções, fazendo tábua rasa do contexto social das acções e da responsabilidade social no sofrimento e na marginalização. O resultado disto é que, ao invés do que acontece na Europa, o sistema de justiça criminal dos EUA (com o apoio de uma percentagem apreciável da população)

prefere matar os criminosos a tentar reabilitá-los, tratá-los, formá-los, etc. Nos EUA chegamos ao ponto de matar criminosos com deficiências mentais e julgo que recentemente matámos um jovem que tinha cometido os seus crimes capitais antes de atingir os 18 anos de idade. É frequente decretarmos prisões perpétuas às quais não é concedida a possibilidade de liberdade condicional, bem como penas de 20 a 40 anos por crimes menores, tal como num caso em que um indivíduo roubou uma pizza... Era a terceira ofensa por parte do indivíduo: à terceira ficasse "fora-de-jogo"...

Os EUA têm a desonra de competir com as modelares democracias da Rússia e do Ruanda nas mais elevadas taxas de detenção do mundo... A maioria dos nossos dois milhões de prisioneiros foi detida por questões relacionadas com drogas: se não pela venda ou posse de estupefacientes, pelos crimes cometidos para os obter. O dado estatístico mais extraordinário acerca da relação entre a repressão estatal e as drogas nos EUA indica-nos que quase 20% dos detidos em penitenciárias federais estão encarcerados por ofensas relacionadas com haxixe e marijuana - a maioria dos quais pela simples posse dessas drogas! Simultaneamente, no entanto, temos a maior taxa de homicídios per capita do mundo industrializado. A maioria dos países europeus tem uma taxa de homicídios de 1 ou 2 por 100.000 habitantes ou menos (muito embora Portugal tenha tido uma taxa de 3,9 por 100.000 em 1997), enquanto que a dos EUA é de 6,8 por 100.000. Por que é que a taxa portuguesa é tão alta comparativamente ao resto da Europa? Nos EUA o acesso a armas é fácil, mas as armas de fogo só estão envolvidas em cerca de metade dos homicídios, pelo que mesmo que se elas não existissem ainda assim teríamos uma taxa de homicídios mais elevada do que as dos países europeus (exceptuando talvez Portugal).

Ainda sobre a questão das drogas e da repressão estatal, diga-se que a opinião pública tende a não identificar as

drogas como causas claras do crime, isto porque atribuir algum peso à adicção a estupefacientes poderia apontar para a necessidade de existência de algum tipo de atenção ao sofrimento do adicto, e daí poder-se pensar nalgum tipo de perdão do criminoso (por exemplo, cometer um crime para sustentar um consumo dependente). Ao invés, no EUA, a única coisa que importa é o acto criminoso propriamente dito e a solução é entendida como passando pelo encarceramento ou morte dos cidadãos mais instáveis mentalmente, mais adictos, mais abusados e mais violentos: sem sequer ter em conta se as drogas, questões de saúde mental, uma história de abuso familiar, etc. estão ou não presentes.

Pergunta - Estiveste alguns dias no Porto e, naturalmente, passeaste bastante pela cidade. Quais foram as tuas impressões relativamente ao tema da insegurança? Diz-nos alguma coisa acerca do teu olhar de turista/antropólogo sobre a nossa cidade.

Resposta - Para além de ter achado que o Porto é uma cidade bonita e divertida, posso dizer que me senti a bastante seguro. Fiquei surpreso pelo facto de ainda ter visto alguns conjuntos de habitações tipo bairro de lata (incluindo a extraordinária vista que se tem do Observatório Permanente de Segurança e a viagem turística de barco pelo rio acima). Também me surpreendeu ver jovens adictos a heroína a andarem exactamente com o mesmo tipo de andar de quem está "a tomar conta do negócio" que encontro nas cidades americanas. Achei o fenómeno dos arrumadores especialmente interessante: pareceu-me uma forma brilhantemente digna, segura e relativamente neutra dos toxicodependentes e dos alcoólicos manterem os seus hábitos e, ao mesmo tempo, desempenharem uma função quase amigável, embora de utilidade residual, que lhes permite manter alguma dignidade e simultaneamente ganhar o suficiente para não ressacarem. Surpreende-me que a arrumação de carros não se tenha tornado moda nos EUA. A sua ausência representa seguramente alguma dinâmica sociológica e ideológica mais profunda